

MOÇAMBICANIDADE E O PROJETO DE (RE)INVENÇÃO DA NAÇÃO

MOZAMBICANISM AND THE PROJECT OF (RE)INVENTION OF THE NATION

Vanessa Pincerato Fernandes – IFMT ¹
Marinei Almeida – UNEMAT/UFMT²

Resumo: O texto propõe uma reflexão sobre a construção da “moçambicanidade” na literatura moçambicana, especialmente a partir de meados do século XX, quando poetas moçambicanos passaram a afirmar uma identidade nacional distinta da tradição cultural europeia imposta pelo colonialismo. Tal projeto literário nasceu da necessidade de expressar a pluralidade de vozes, territórios e experiências do povo moçambicano, priorizando temas como pertencimento, memória, afeto e resistência. A produção poética desse período assume um papel de denúncia social e política, articulando-se com os movimentos de libertação e buscando

1 Doutora em Estudos de Linguagem/Literatura (UFMT) – Professora Português/Inglês – IFMT. Pontes e Lacerda, MT – Brasil. e-mail: vanessa.pincerato@ifmt.edu.br.

2 Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP). Professora do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Cáceres, MT – Brasil. e-mail: marinei.almeida@unemat.br.

reconectar-se com elementos da tradição oral. Autores como José Craveirinha, Noémia de Sousa, Rui Knopfli, Rui Nogar, Virgílio de Lemos e Luís Carlos Patraquim são destacados como representantes significativos desse processo. Suas obras exploram a fragmentação histórica de Moçambique, ao mesmo tempo em que reivindicam a utopia de uma nação por meio da valorização dos espaços simbólicos, como o mar, a ilha, os rios, a terra, o Oceano Índico, que aparecem como metáfora no entrelaçamento de culturas — Oriente e Ocidente — e para a construção contínua da “Moçambicanidade”. Os poetas mencionados assumem papel fundamental nesse movimento ao produzirem uma poesia marcada pela consciência política. A “moçambicanidade”, portanto, não é homogênea: ela incorpora conflitos, deslocamentos e pluralidades. Através da literatura, especialmente da poesia, Moçambique constrói um discurso identitário potente, que desafia modelos europeus, resgata suas raízes e projeta o futuro de uma nação em constante reinvenção.

Palavras-Chave: Moçambicanidade; Resistência; Oceano; Literatura moçambicana.

Abstract: This text proposes a reflection on the construction of “Mozambicanity” in Mozambican literature, especially from the mid-20th century onward, when Mozambican poets began to assert a national identity distinct from the European cultural tradition imposed by colonialism. This literary project arose from the need to express the plurality of voices, territories, and experiences of the Mozambican people, prioritizing themes such as belonging, memory, affection, and resistance. The poetic production of this period assumes a role of social and political denunciation, articulating itself with liberation movements and seeking to reconnect with elements of oral tradition. Authors such as José Craveirinha, Noémia de Sousa, Rui Knopfli, Rui Nogar, Virgílio de Lemos, and Luís Carlos Patraquim are highlighted as significant representatives of this

process. His works explore the historical fragmentation of Mozambique, while simultaneously claiming the utopia of a nation through the valorization of symbolic spaces, such as the sea, the island, the rivers, the land, the Indian Ocean, which appear as a metaphor for the intertwining of cultures—East and West—and for the ongoing construction of “Mozambicanity.” The aforementioned poets play a fundamental role in this movement by producing poetry marked by political consciousness. “Mozambicanity,” therefore, is not homogeneous: it incorporates conflicts, displacements, and pluralities. Through literature, especially poetry, Mozambique constructs a powerful identity discourse that challenges European models, reclaims its roots, and projects the future of a nation in constant reinvention.

Keywords: Mozambicanity; Resistance; Ocean; Mozambican literature.

Em meados do século XX, Moçambique viu surgir um projeto literário de afirmação da “moçambicanidade”. Textos literários produzidos com o objetivo de realçar as cores e as vozes locais, evidenciando a sua diferença em relação aqueles que, até então, eram produzidos sob os parâmetros culturais europeus, caracterizam as feições da dita “moçambicanidade”. Nasce um movimento que exigia uma consciência, por parte dos escritores, de pertencimento e de filiação à cultura do país, por isso há um esforço em trazer, em suas produções literárias, mensagens de conscientização voltadas à necessidade de luta pela liberdade. Dessa maneira, acabam por buscar eco nas tradições orais, incluindo aí o embevecimento pela sonoridade das línguas africanas. Poetas como Noémia de Sousa, José Craveirinha, Rui Knopfli, Rui Nogar, Luís Carlos Patraquim e Virgílio de Lemos

são considerados escritores importantes nesse movimento de afirmação da identidade nacional moçambicana, construída por uma poética que gira em torno da utopia da nação e assume contornos trazidos pelas emoções e afetos.

Iniciamos esse tópico pensando sobre a dificuldade de desenredar questões como: *o que é literatura moçambicana?* - segundo nos questiona Chabal (1994, p.15), ou ainda: *Que é escrever?* - reflexão proposta por Sartre (1948) e, também, que *África escreve o autor africano?* - questão posta por Mia Couto (2005). De fato, as questões levantadas sobre a definição da literatura moçambicana, o ato de escrever e a identidade da escrita africana são complexas e multifacetadas. Cada uma delas envolve uma série de perspectivas e interpretações que não têm respostas simples. Sobre as questões levantadas temos que considerar que a definição de literatura moçambicana envolve considerações culturais, históricas e políticas. A literatura de um país é influenciada por sua história, diversidade étnica, línguas faladas e experiências coletivas. Determinar o que é literatura moçambicana exige a análise de obras literárias produzidas por autores moçambicanos, escritas em várias línguas (como português, línguas locais e outras línguas, como fez Virgílio de Lemos ao escrever em francês, para ficarmos somente neste exemplo), e que, portanto, refletiriam as experiências e vozes diversas do povo moçambicano. Essa definição, longe de um consenso, está em constante evolução à medida que novas obras são criadas e novas vozes emergem na contemporaneidade.

A reflexão sobre o ato de escrever aborda aspectos filosóficos e artísticos. Sartre questionou o processo de criação literária e a relação entre o escritor e sua obra. Escrever vai

além da simples produção de palavras; envolve a expressão de pensamentos, emoções e ideias. O ato de escrever pode ser uma maneira de “viajar” por entre identidades, refletir sobre o mundo e comunicar com os outros. Para Mia Couto, seu questionamento aborda a diversidade de experiências e perspectivas dentro do continente africano. A África é um continente vasto, com uma multiplicidade de culturas, idiomas e realidades socioeconômicas. O autor africano lida com a complexidade de representar uma parte desse mosaico de identidades em sua escrita.

Cada autor africano pode (e deve) trazer à tona diferentes aspectos da África, ampliando a compreensão global da região em que este está inserido.

Assim, essas perguntas não têm respostas definitivas. Elas convidam à reflexão e ao diálogo, incentivando-nos a explorar as várias camadas de significado por trás das palavras e a reconhecer a riqueza das diversas vozes literárias e culturais. O debate contínuo em torno dessas questões contribui para uma busca constante de uma tentativa de compreender com mais profundidade a literatura produzida em Moçambique (e não somente), em suas nuances, seus dizeres e seus lastros, tanto culturais como linguísticas.

Permeando essas questões, trataremos aqui de uma literatura da “moçambicanidade”. A princípio, entendemos esta como uma produção poética inserida na multiplicidade de culturas que deságuam e se recompõem no Índico. Veremos uma escrita em permanente construção, sustentada e edificada não apenas pelo viés ontológico, mas também, segundo Macedo e Maquêa (2007, p. 26), “de uma memória que é trazida em diálogo com o presente de Moçambique”.

O termo “moçambicanidade”, como abordado por Patrick Chabal em *Vozes Moçambicanas – literatura e nacionalidade* (1994), refere-se à identidade cultural e nacional de Moçambique, especialmente no contexto da literatura. Chabal explora como a literatura produzida no país contribui para a formação da identidade moçambicana ao longo do tempo. As “vozes moçambicanas” podem representar as várias perspectivas, vozes e experiências que emergiram da rica diversidade cultural e histórica de Moçambique. O termo implica que a literatura do país serve como um veículo para a expressão das múltiplas realidades e histórias presentes em sua sociedade. Portanto, a “literatura da moçambicanidade” aborda questões como a herança colonial, a luta pela independência, a diversidade étnica e cultural, bem como as aspirações e desafios do povo moçambicano. Através dessas vozes literárias, busca-se construir, para uma compreensão mais profunda, do que significa ser moçambicano, ao refletir a complexidade e a riqueza da identidade nacional. Chabal (1994) argumenta, ainda, que a “moçambicanidade” não deveria ser considerada como um conjunto homogêneo de características culturais, mas sim como um conceito dinâmico e em constante evolução. Destaca também a diversidade étnica, linguística e cultural de Moçambique como um fator-chave na construção da identidade nacional, bem como a influência das lutas de independência e os desafios pós-coloniais que moldaram essa identidade.

Ao procurarmos no dicionário o significado do termo “moçambicanidade” encontramos o seguinte:

mo çam bi ca ni da de
(moçambicano + -idade)
substantivo feminino

1. Qualidade própria do que é moçambicano. =
MOÇAMBICANISMO

2. Caráter específico da cultura ou da história
de Moçambique. = MOÇAMBICANISMO

3. Sentimento de amor ou de grande afeição
por Moçambique.
“moçambicanidade”.³

Mesmo incompleto, os significados trazidos pelo dicionário do que seja “moçambicanidade” estão intrinsicamente ligados à cultura, à história e ao sentimento do sujeito moçambicano à sua terra, ao seu país. Nessa perspectiva, para Chabal (idem) a literatura é uma componente central da identidade cultural, entendida historicamente como uma das mais importantes formas de produção cultural (Chabal, 1994, p. 15). Para distinguir traços importantes dessa literatura, Chabal propõe alguns marcos identificadores que permeiam a consciência de pertencimento a uma cultura que tem suas próprias expressões e ainda a busca por formas específicas de uso da língua escrita que não se restringe às interferências da oralidade.

Observamos que Chabal (1994) propõe quatro elementos culturais distintos que contribuem para a estruturação da literatura moçambicana. Nessa divisão, o autor destaca as diferentes perspectivas e influências presentes na literatura moçambicana durante o período colonial. É importante ressaltar que essa divisão analítica não implica que alguma das literaturas seja de maior ou menor valor, mas sim serve para reconhecer a diversidade de vozes, temas e preocupações que moldaram a literatura da época. A literatura moçambicana em língua

³ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. 2008-2021: <https://dicionario.priberam.org/mo%C3%A7ambicanidade> [consultado em 08-06-2025].

portuguesa, durante o período colonial, traz um diálogo complexo das experiências e contextos de uma sociedade sucumbida pela ocupação colonial portuguesa.

O primeiro elemento é uma “Cultura Mestiça”, que se refere à expressão cultural literária da comunidade indígena, predominantemente composta por mestiços, até os anos 40. Esta cultura híbrida e diversificada, resultante do encontro entre diferentes grupos étnicos e influências culturais, desempenhou um papel importante na formação da literatura moçambicana. Ao passo que a Literatura Ultramarina ou dos moçambicanos brancos, segundo elemento apontado por Chabal (1994), abrange os escritos produzidos pelos nascidos, de cor branca, em Moçambique. Estes textos podem ter sido influenciados pelas literaturas europeias e muitas vezes retratam perspectivas e experiências diferentes das dos outros grupos.

“Literatura Nacionalista e Revolucionária” aparece como o terceiro elemento. Esta categoria engloba textos que têm uma abordagem mais nacionalista e revolucionária, frequentemente escritos fora de Moçambique. Essa literatura tende a destacar as lutas pela independência e a resistência contra o colonialismo, refletindo um período de intensa agitação política e social.

O quarto elemento, apontado por Chabal (1994), é a “Literatura da Moçambicanidade” que inclui os textos daqueles que estavam cientes do processo de construção de uma “literatura nacional”. Estes escritores exploraram a identidade moçambicana, a cultura local e os desafios enfrentados pelo país. É uma expressão que remete à ânsia da busca por uma voz autêntica e distinta na produção artística.

Assim, essa divisão proposta por Chabal (1994) nos leva a refletir sobre a produção dos três poetas que aqui afirmamos fazer parte da consolidação do sistema literário de Moçambique

pela/na poesia. Segundo observa Chabal, o que se entende como cultura mestiça “providenciou a estrutura a partir da qual a literatura moçambicana emergiu nos anos 40 em diante” (Chabal, 1994, p. 43). Neste contexto, a publicação de *O Brado Africano* e as atividades das associações culturais mestiças abriram frente para produções literárias de escritores moçambicanos, como, por exemplo, José Craveirinha e Noémia de Sousa (ibidem). Por razões históricas e pelo teor dos textos produzidos por esses dois escritores, como o compromisso com a terra e com o povo de Moçambique, sobre as consequências da condição colonial como a opressão, a violência e exploração, legitimam esses poetas e militantes.

Ao pensarmos em uma literatura nacionalista e revolucionária aproximamos de uma definição arbitrária, uma vez que todo moçambicano foi, de algum modo, nacionalista e teve convicções políticas muito fortes, sobretudo na questão que envolve as lutas pela libertação do país. Esse terceiro elemento que Chabal anuncia é “por definição, ‘escrita de circunstância’, mudando conforme mudam as circunstâncias. É também o gênero literário que mais atrai militantes” (Chabal, 1994, p. 51). Os escritores desse período estavam preocupados em apresentar pontos de vista nacionalistas/revolucionários para proclamar uma mensagem política. De uma perspectiva histórica, esta literatura fornece detalhes sobre o processo através do qual os moçambicanos ganharam consciência nacionalista e revolucionária, que defendemos aqui ser a poesia, produzida em Moçambique no período de preparação da luta de libertação e também durante a luta, uma das pontes de ligação entre a arte e a política.

Chabal enfatiza, ainda, sobre a importância desses escritores que tinham uma compreensão clara de sua responsabilidade

em produzir uma “literatura nacional” moçambicana e que dedicaram esforços consideráveis para alcançar esse objetivo, tanto em termos temáticos quanto estilísticos. Isso não apenas moldou a literatura moçambicana, mas também contribuiu para a construção da identidade cultural e nacional do país (idem, p. 53). Desse modo, a poesia de Virgílio de Lemos, paralelamente com a publicação de *Msaho*, abre espaço para que as formas e fronteiras de uma literatura que se constrói, de um corpo e de uma alma que se delimitam atravessadamente por uma poética que se reconhece como forma e existência.

Segundo Lemos (1998, p. 408) a “moçambicanidade” não é apenas relacionada à negritude, mas sim à pluralidade presente nas ilhas e nas diversas culturas de Moçambique. Essa pluralidade é resultado do encontro de diferentes grupos, incluindo navegadores, governadores, negociantes, bem como o comércio de mercadorias e escravos. Esses eventos deixaram marcas nas pessoas e contribuíram para a formação da identidade moçambicana.

Ao afirmar que a “moçambicanidade não é a negritude” (ibidem), Lemos está desafiando a ideia simplista de que a identidade moçambicana pode ser reduzida apenas à categoria racial. Ele destaca a complexidade da identidade nacional, que é enriquecida pela diversidade étnica, cultural e histórica do país. Esse ponto de vista sugere que a literatura e as expressões culturais são meios através dos quais a nação se explora, se define e se compreende ou se questiona, desafiando limitações simplistas e eurocêtricas da definição de identidade e cultura.

Certamente, a questão da “moçambicanidade” é complexa e multifacetada. Mia Couto, em uma entrevista concedida à pesquisadora Vera Maquêa (2007), aborda de maneira crítica sobre a complexidade do termo e chama atenção para o perigo de

uma definição simplista sobre a identidade moçambicana:

[...] Nós sabemos que a identidade moçambicana é algo que ninguém sabe exatamente definir, mas sabemos que todos nós temos que fazer uma viagem para chegarmos lá. A tentação mais forte e mais imediata hoje em Moçambique é a de erguer aquilo que se apresenta como “tradição” para dar credibilidade a uma certa identidade. Quanto mais perto dessa “tradição” e de uma certa “oralidade” mais próximos estaríamos dessa tal moçambicanidade. Mas isso é uma ideia simplista contra a qual vou lutando [...] tem que ter um pé na tradição e outro na modernidade. Só assim se chega a um retrato capaz de respeitar as dinâmicas e as relações complexas do corpo moçambicano. (Macedo; Maquêa, 2007, p. 195).

Através das palavras de Mia Couto, é possível compreender que a “moçambicanidade” não é uma noção estática ou homogênea. Em vez disso, ela reflete uma complexidade de elementos culturais, históricos e sociais de Moçambique, não somente ligados ao passado, mas também ao presente.

A opinião de Mia Couto ressalta a necessidade de considerar a “moçambicanidade” como uma expressão dinâmica que reflete a história, as crenças, as lutas e as realizações do povo moçambicano. Isso reforça a ideia de que as identidades nacionais são fluidas e complexas, e não podem ser entendidas apenas por meio de lentes reducionistas.

Portanto, se debruçar sobre a literatura produzida nesse (ou por esse) país, por meio de estudos críticos e teóricos, das entrevistas e discussões intelectuais e sobretudo, despir de um olhar acostumado no ato de percorrer as produções literárias dos escritores moçambicanos, contribuem sobremaneira para uma compreensão mais profunda sobre a questão da

“moçambicanidade” e do que significa ser moçambicano. É um desafio bem a maneira do que Noémia de Sousa traz no poema “Se me quiseses conhecer” (1949).

Nessa perspectiva Rui Knopfli e Virgílio de Lemos apresentam certa heterogeneidade estética, se, por um lado, esses autores exibem uma variedade de estilos estéticos, por outro lado, suas obras se distinguem por abordarem uma ampla gama de temas diversos, embora tenham sido também influenciados pelas lutas políticas e culturais e dos ideais da FRELIMO⁴, por volta dos anos 50 a 60. Motivados pelo desejo de preencher as lacunas criadas pela situação castradora e forçada, imposta pela colonização, movidos pelo sentimento de luta em prol de uma independência cultural, logo política do país, estes poetas lançam mão de um discurso de afirmação da “moçambicanidade”.

Imbuído do mesmo sentimento político e social de seus contemporâneos, Virgílio de Lemos nos mostra o que a história não contou e os livros didáticos não trouxeram. Lemos escancara em seus versos uma situação extrema de opressão e violência de várias formas em um longo poema, do qual retiramos estes versos:

IV
[...]
Poemas de Noémia e do Zé
contos do Honwana e da Ceita
Eugénios e Polanahs
música do Xafurdino e Daíco
ricardos, ruis e fonsecas
o ciclo da cólera
contra o assimilado
contra a corrida
pra acumulação
a transferência do lucro
a delapidação d'almas
e da estética

4 Frente de Libertação de Moçambique

porque a ética não existia
na exploração
(1945 / 1960)
tínhamos “notícias do bloqueio”
e bloqueio de notícias
censura de brandos e msahos
aqui
e lá antologias
e Margaridos da Casa
do Império
(1960 / ?)
puta que pariu
a guerra
e o que é teu
sem ser meu
sendo raiva.
(Lemos, 2009, p. 403-406)

Neste trecho do poema intitulado “Uma temática negra”, Virgílio de Lemos aborda sobre as questões da colonização, da violenta ocupação do território moçambicano, da exploração do negro, os nomes Zé, Rui, dentre outros revelam fatos e “testemunham” episódios históricos localizados em tempo e espaço que marcaram duramente Moçambique. Virgílio de Lemos constrói uma memória poética marcada pela denúncia da colonização e de suas violências sobre o povo moçambicano. A enumeração de nomes — como Noémia, Honwana, Rui, Fonseca, entre outros — não se limita a uma simples referência, mas atua como testemunho coletivo, evocando escritores, artistas e intelectuais que registraram, em diferentes linguagens, a experiência de opressão e resistência. O poema denuncia tanto a exploração econômica e cultural, simbolizada na “transferência do lucro” e na “delapidação d’almas”, quanto a censura que silenciava vozes dissidentes. A linguagem cortante, especialmente

na irrupção final (“puta que pariu / a guerra”), intensifica a expressão da indignação, condensando em raiva a dor histórica da ocupação colonial e seus desdobramentos. Assim, a poesia de Lemos se torna, simultaneamente, documento histórico e gesto estético de contestação.

Certamente, o conceito de “moçambicanidade” não é determinado apenas por declarações de intenções feitas por alguns escritores, mas sim pela influência que determinados textos exerceram na evolução subsequente da literatura. Dessa forma, é evidente que os que tiveram um impacto na definição daquilo que a “moçambicanidade” foi, é, e ainda virá a ser, como destacado por Chabal em 1994 (p. 54). Embora sejam elementos distintos, como apontado pelo estudioso, esses elementos convergem de certa forma.

Assim, a representação literária da “moçambicanidade” tem como base uma construção da “imagem de moçambicanidade”, ou seja,

[...] uma prática deliberada através da qual os autores moçambicanos, inseridos num sistema primariamente gerado numa tradição literária portuguesa em contexto de semiose colonial, movidos por um desejo de afirmar uma identidade própria, produzem estratégias textuais que representam uma atitude de ruptura com essa referência. Esta imagem consoma-se fundamentalmente na forma como se processa a recepção, adaptação, transformação, prolongamento e contestação de modelos e influências literárias. (Matusse, 1997, p. 194)

Em suma, os poemas de José Craveirinha, Virgílio de Lemos e Rui Knopfli não apenas deram continuidade à construção

poética em Moçambique, mas também solidificaram sua importância como referências essenciais na história literária do país. Com efeito, a produção literária poética que se estende das décadas de quarenta até cinquenta assume a configuração de um projeto voltado à construção de um espaço literário singular. Os jornais *Itinerário*, *O Brado Africano* e a iniciativa de *Msafo* vão constituir o suporte material desta ação, que insufla o aspecto de movimento político e cultural.

Desta maneira, pensar sobre as produções desses poetas permeando as questões de uma literatura da “moçambicanidade”, entendida como escrita poética inserida na multiplicidade de culturas que deságuam e se recompõem no Índico para Mia Couto é uma questão fundamental para abertura ao diverso, ao outro, uma vez que o Índico “[...] não é apenas um oceano – é uma teia de relações” (Couto, 1999, p. 15). Esse elemento, o oceano, vai aparecer na poética aqui estudada como lugar híbrido de cruzamento entre pessoas e culturas, Oriente e o Ocidente, simbolizando também a ideia de “moçambicanidade”, enquanto identidade,⁵ que ainda está em desenvolvimento, dada a fragmentação das trajetórias sociais e históricas do país.

Pensando nas relações entre espaço e identidade, bem como dos conceitos de nação, identidade e, inclusive, de literatura nacional, a representação do Índico e de Moçambique parece adquirir os contornos de um processo de revisitação da versão histórica construída pelo discurso da “moçambicanidade”. Aqui, na poética estudada, o Oceano Índico encontra, enquanto representação literária, um contraponto que o configura como paradigma epistemológico de alcance mais amplo, que nos dá a possibilidade de considerar uma poesia multifacetada e diversa

⁵ Secco (2021, p.247) utiliza outro termo para se referir a essa identidade tão questionada quando tratada sobre identidades africanas, ela se refere a “identificações em curso” conforme expressão de Boaventura de Sousa Santos. Segundo ela as identidades não podem ser consideradas instâncias plenas e sim sempre inacabadas, é por esse viés que nos guiamos.

que aponta para a questão da moçambicanidade.

De acordo com Secco (2016, p. 66), a “assunção da ‘poética da moçambicanidade’ se iniciaria nas décadas de 1940 e 1950. É a partir dessa época que a poesia produzida em Moçambique vai buscar assumir sua identidade”. Com a publicação da Revista Literária *Msaho* (1952) inicia o segundo momento da literatura moçambicana (1944-1964), ao passo que a poética recebe fortes contribuições do Neo-Realismo, do Renascimento Negro e do Movimento da Negritude, denunciando o racismo, o colonialismo, a exploração nas minas da África do Sul. A poesia dessa fase fica marcada por se afastar dos cânones portugueses e por refutar a superioridade da civilização europeia: “É uma poética vibrante, de forte impacto social, que procura as raízes profundas africanas. Entretanto, a identidade aí recuperada por alguns poetas se faz mítica, uma vez que o negro se apresenta idealmente concebido” (Secco, 2013, p. 66). A partir desse período os poetas José Craveirinha, Virgílio de Lemos e Rui Knopfli, por meio do uso de uma linguagem de intenso vigor poético, propagam a “moçambicanidade”. Nessa fase poética, o mar, a terra, os rios e outros espaços moçambicanos aparecem como recusa da colonização, atitude esta que contribui para fortalecer a poesia da “moçambicanidade”.

Referências

CHABAL, Patrick. *Vozes Moçambicanas - Literatura e Nacionalidade*. Porto: Veja, 1994.

COUTO, Mia. O pouco do tudo. In: LEMOS, Virgílio de. *Eroticus moçambicanus*: breve antologia da poesia escrita em Moçambique (1944/1963) / Virgílio de Lemos & heterônimos; Carmen Lúcia Tindó Secco (organização e apresentação). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Faculdade de Letras, UFRJ, 1999. p. 15-17.

COUTO, Mia. *Pensatempos* – textos de opinião. Lisboa: Caminho, 2005.

LE MOS, Virgílio de. *Eroticus moçambicanus*: breve antologia da poesia escrita em Moçambique (1944/1963) / Virgílio de Lemos & heterônimos. Carmen Lúcia Tindó Secco (organização e apresentação). Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Faculdade de Letras, UFRJ, 1999.

LE MOS, Virgílio de; AZEVEDO, Domingos de; FERREIRA, Reinaldo. *Msaho* – folha de poesia em fascículos. Lourenço Marques: Empresa Moderna, 1952.

LE MOS, Virgílio. *A invenção das ilhas*. Organização e posfácio de António Cabrita. Maputo: Escola Portuguesa de Moçambique, 2009.

MACEDO, Tânia. MAQUÊA, Vera. *Literaturas de Língua Portuguesa*: marcos e marcas – Moçambique. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

MATUSSE, Gilberto. A representação literária da identidade na literatura moçambicana: Craveirinha. *Scripta*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 184-195, 2ºsem. 1997.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *A magia das letras africanas*: Angola e Moçambique: ensaios. 1. ed. São Paulo: Kapulana, 2021.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. As Índicas Águas da (na) Poesia Moçambicana. *Diadorim* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, número especial, 2016.